

A crise chega aos trabalhadores

EDITORIAL

Férias Coletivas e ameaça de desemprego

Enquanto todos os economistas e os consultores se contorcem para poder adivinhar quanto valerá a bolsa, o dólar ou o ouro na semana que vem, enquanto alguns perdem bilhões e outros ganham bilhões, o desastre criado pelo capitalismo começa a chegar ao povo: as empresas anunciam demissões e férias coletivas. As estatísticas apavoram – na Europa, uma média de 10 mil demissões por dia, nos EUA o número de pedidos de seguro desemprego ultrapassa a média de 500 mil por mês, prevê-se uma queda do PIB de mais de 5% no último trimestre e anuncia-se agora, que o país está em recessão faz um ano, desde dez/2007! Na China, mais de 15 mil fábricas fechadas, mais de 10 milhões de desempregados. No Brasil a produção industrial de outubro caiu 1,7% em outubro, enquanto tinha tido um crescimento de 1,5% em setembro.

Enquanto isso, os pacotes continuam a chegar para o bolso dos capitalistas. Nos EUA, a conta do governo está entre 5 trilhões e 8 trilhões de dólares! De 5 à 8 vezes o que o Brasil produz por ano, entre um terço e metade do que produz (PIB) os EUA em um ano! Aqui a conta foi mais modesta

– 150 bilhões de reais. O dobro do que custaria corrigir os salários dos aposentados em um ano! E tudo isso foi gasto em dois meses. Lula declara que vai impedir a crise de chegar ao Brasil (e ela já chegou) e Paulo Bernardo, Ministro do Planejamento, mais realista, declara que o governo vai “minimizar os efeitos da crise”.

rio e reajustam os proventos dos aposentados - veja na pag. 7 - foram aprovados e o governo recusa-se a dar seguimento, combate os projetos porque diz que vão custar 76 bilhões de reais em um ano! Ora, se esse dinheiro não existe, como existiu 150 bilhões para especuladores, exportadores e banqueiros? Para os aposentados e

gião de Volta Redonda), 40% a mais que no ano passado e com demissões nas firmas terceirizadas. Embora em outubro tenha aumentado o número de empregados (com queda no salário médio), este aumento não aconteceu nas indústrias. Muitos investimentos previstos para o próximo ano continuarão, mas a FIESP estima uma queda de 40% nesta previsão. Resultado – diminuição do emprego, mais arrochosalarial.

Os trilhões que estão sendo gastos no Brasil e no mundo resolverão o problema de alguns bilionários, de algumas empresas. Mas aumentarão a miséria dos trabalhadores e do povo pobre que terão que pagar a

Pior do que isso, a base aliada (com os votos do PT!) aprova um texto sobre terceirização que é um verdadeiro ataque aos trabalhadores. E leva a frente um projeto de Reforma Tributária que ataca a previdência.

FHC inventou o fator previdenciário e comprimiu os proventos dos aposentados e pensionistas. Lula continuou com tudo isso. Agora os projetos do Senador Paim que acabam com o fator previdenciário

trabalhadores, nada! Para os ricos, tudo? O povo elegeu Lula para acabar com essa farra e a farra continua?

E os trabalhadores já estão sentindo a crise. A Folha de São Paulo (29/11) fala em 47 mil operários de montadoras em férias coletivas neste final de ano, com aumento do número de semanas em relação ao ano passado. O Globo (30/11) mostra 18 mil em férias coletivas no Sul Fluminense (re-

conta em desemprego, arrocho e miséria. Existe outra saída? Existe. Romper com a burguesia e atacar o capitalismo: estatizar sob o controle operário as indústrias e os bancos, distribuir terra para quem nela vive e trabalha. Este é o combate que a Esquerda Marxista leva, no PT, na CUT, no movimento operário e para o qual convida os trabalhadores e jovens a integrar os seus quadros.

PARTIDOS E A CRISE

PSOL - Elogiando a polícia?

PT e CUT – Sidas capitalistas para a crise?

PÁGINAS 4 e 5

FLASKÔ



PÁGINA 8

ENCHENTES EM SC



PÁGINA 9

VENEZUELA

Eleição e assassinatos na Venezuela



Richard Gallardo, presente

PÁGINA 10

QUEM SOMOS

Quem somos e pelo que lutamos

Somos socialistas, lutamos pela revolução. A Esquerda Marxista está ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno, organizando a luta pelo passe-livre, por vagas para todos nas universidades públicas, pela estatização das escolas que recebem verbas do estado, pelo congelamento das mensalidades.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido; nos ligamos assim aos petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

Somos parte da Corrente Marxista Internacional (CMI), presente em dezenas de países de todo o mundo. Reafirmamos assim que nosso combate é internacional e baseado no trotskismo, expressão do marxismo após as traições da 2ª e da 3ª Internacional, no combate pela reconstrução da IV Internacional.

Na crise atual, somos aqueles que entendem que não existe saída na regulamentação ou desregulamentação do capital financeiro, na priorização ou não do capital “produtivo”. A única saída é a expropriação da burguesia, a estatização das fábricas e bancos sob controle operário, reforma agrária dando terra a quem nela vive e trabalha. Enfim, lutamos por uma sociedade que ponha fim à exploração do homem pelo homem, lutamos por um mundo sem guerras e sem miséria, um mundo livre das amarras capitalistas, um mundo socialista! Junte-se a nós nesse combate!

FERROVIÁRIOS

Ferrovários farão Campanha Salarial Unificada

Os ferroviários dos Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, das ferrovias Novoeste, Paulista, Sorocabana, Mogiana e Ferromonte, empresas controladas pela holding América Latina Logística, representados pelos cinco sindicatos da categoria, farão a Campanha Salarial de Forma Unificada.

A unificação da campanha salarial é um grande avanço no nível de organização das direções sindicais e da categoria, compreendendo que para enfrentar os patrões e seus ataques, a unidade de ação é uma das melhores ferramentas.

A data-base é primeiro de janeiro e com certeza a ALL, agora sob controle do grupo de investimentos BRZ ALL, cujos cotistas são os fundos de pensão Petros (Petrobras), Funcef (Caixa Econômica Federal), Forluz (Cemig), Postalís (Correios), Valia (Vale do Rio Doce), Sabesprev (Sabesp), Pre-



Ferrovários realizaram dezenas de reuniões na base para discutir a campanha unificada e o enfrentamento com os patrões

vi (Banco do Brasil) e o fundo de pensão do Boticário. A Petros e a Funcef principais cotistas do BRZ têm patrimônios em torno de R\$ 40 bilhões e R\$ 33 bilhões, respectivamente, e são os dois maiores juntos com a líder do setor, a Previ, que têm mais de R\$ 120 bilhões.

O patrimônio dos Fundos de Pensão foi construído com dinheiro de trabalhadores de empresas públicas, que hoje lutam contra a terceirização, banco de horas, excesso de jornada, perseguição a dirigentes sindicais, redução de direitos; os

diretores dos fundos exigem que os executivos das empresas que controlam, apliquem a mesma política de precarização das condições de trabalho.

Esta situação levanta uma questão central para a classe trabalhadora, e que precisa ser colocada na ordem do dia das discussões, principalmente da CUT: como podem os fundos de pensão públicos, mantidos com dinheiro dos trabalhadores, serem usados para explorarem, precarizarem condições de trabalho, para aumentarem seus lucros? Qual a posição das entida-

des, dos sindicatos e federações cutistas, que representam os trabalhadores beneficiados por estes fundos de pensão, em relação à prática que suas direções desenvolvem enquanto controladores de outras empresas?

Teremos agora a oportunidade de verificar na prática com a campanha salarial unificada dos trabalhadores da ALL, cujas principais reivindicações são: suspensão imediata da monocondição e a volta dos maquinistas auxiliares, fim das terceirizações ilegais, fim do banco de horas, fim das jornadas de até 16 horas de trabalho, pagamento da participação nos lucros e resultados para todos os empregados, correção salarial da inflação acumulada, mais aumento de 5%, como se posicionarão as direções dos grandes sindicatos, federações e confederações e a direção da CUT. A favor da política monetarista dos fundos, ou das reivindicações dos trabalhadores ferroviários?

SINPRO-PE

Burocracia contra os trabalhadores

A crise no SINPRO-PE é um reflexo da situação política que passa o conjunto do movimento operário. Com o avanço da decomposição do sistema capitalista, a direção do movimento sindical mergulhou numa crise. Alguns setores (maioria da direção da CUT) aumentaram a sua ligação com o governo e, via este, a burguesia. Outros (PCdoB, PSOL, PSTU) ao invés de combater a política da direção, decidiram dividir a CUT e o movimento sindical.

E qual foi a conse-

quência dessa política? Fortaleceram os Governistas! E essa política levou a uma divisão no interior dos Sindicatos e na base das respectivas categorias.

E no SINPRO não foi diferente, ou seja, P-SOL e PCdoB, que fazem parte da direção, uniram-se contra um setor da diretoria (Esquerda Marxista e aliados) que são do PT e CUT e oposição à maioria da direção do PT e CUT. Eles, maioria na diretoria, emperravam a luta da categoria. Numa reunião do pleno de diretoria, foi aprovada a realização de um congresso

da categoria, para ser discutido e aprovado, por essa instância legítima, o que for melhor para categoria, ou seja, tirar o sindicato de sua paralisia e trazendo o mesmo para o enfrentamento com os patrões.

Mas os burocratas utilizaram dos expedientes estranhos ao movimento operário, chegando a tentar acabar com a continuidade do congresso, e quando viram que não conseguiriam, resolveram se retirar das dependências e depois passar por cima do congresso e do que a base decidiu, e usar sua maioria na diretoria con-

tra a base.

Assim, chamaram a eleição com base no estatuto antigo da entidade, impedindo a minoria de participar e, na votação, só conseguiram 27% dos votos, com uma abstenção de mais de 70%.

À parte excluída, só lhe restou recorrer à justiça, como forma de denúncia do que aconteceu, mesmo entendendo que esta, provavelmente, nunca vai resolver isso a favor dos trabalhadores. E além de recorrer, também está ajudando a base a se organizar e retomar o controle do sindicato.

ASSINE **Luta de Classes**

Jornal da Esquerda Marxista • 12 N°s - R\$ 30,00
Pela reconstrução da 4ª • 12 N°s - R\$ 50,00
Internacional (solidário)

Peça sua assinatura por carta, telefone ou e-mail.
Rua Tabatinguera, 326 cj.31 - Centro - São Paulo, SP-CEP: 01020-000
Fone: (11)3101-8810 e-mail: contato@marxismo.org.br home: www.marxismo.org.br

A CRISE SE APROFUNDA

“Keynesianismo” ou luta de classes?

Os dados econômicos da última semana não deixam nenhuma margem de dúvida. A crise mundial não apenas já atingiu a “economia real” como também começa a mostrar consequências devastadoras.

DANIEL FELDMANN

A recessão que se anuncia não é qualquer recessão. Nos dez primeiros meses do ano mais de um milhão de trabalhadores foram demitidos nos EUA. Na Europa, nas últimas semanas foi registrada a assustadora cifra de 10 mil demissões diárias. Agora, diferentemente dos bancos, seguradoras e grandes empresas, que têm recebido bilhões dos governos como “auxílio”, não se aventa nenhum “plano” para garantir o emprego e a renda destes enormes contingentes de trabalhadores que pagam por uma crise que não produziram. Nos Estados Unidos, Barack Obama mostra-se fiel aos capitalistas que financiaram sua campanha e propõe um plano de ajuda para as grandes montadoras de Detroit (GM, Chrysler, Ford) que pode chegar aos US\$ 50 bilhões. Já os trabalhadores têm, no máximo, a alternativa de recorrer à fila da amargura chamada “seguro-desemprego”.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou recentemente que espera a primeira queda anual desde 1945 no Produto Interno Bruto (PIB) dos países desenvolvidos no próximo ano. O Fundo projeta uma retração de 0,3% do PIB do conjunto desses países. Não é muito lembrar que 1945 foi o ano da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, ou seja, o último capítulo da Segunda Guerra Mundial.

E mais: iludem-se aqueles que crêem que os chamados “países emergentes” não sentirão os efeitos pesados da devastação. A China, que para muitos teria a condição de “amenizar” a crise a mundial, anuncia

retração do crescimento e faz também o seu pacote de estímulo à economia no valor de quase US\$ 600 bilhões.

A recessão que se iniciou nos países ricos significa menos exportações feitas pelos países pobres. Dados divulgados em O Estado de SP (23/11) mostram que os preços das commodities - que sustentaram em grande parte o bom desempenho econômico dos “emergentes” - estão em queda vertiginosa: de julho a novembro caíram os preços em dólar do petróleo (59%), cobre (55%), soja (40%), alumínio (37%). A outrora “menina dos olhos” do capitalismo brasileiro - a Vale do Rio Doce - anuncia demissões e férias coletivas.

E não são apenas as exportações que sofrem. Os investimentos externos desabam e as multinacionais instaladas nos “emergentes” repatriam capitais para salvarem as matrizes. É o que a matriz da GM dos EUA tem feito com suas filiais ao redor do mundo para tentar fugir da falência. E é claro que os donos da GM agradecem quando recebem polpudos estímulos como os oferecidos pelos governos Lula e Serra que anunciam subvenções na ordem de R\$ 8 bilhões para as montadoras brasileiras.

A crise não tem fronteiras. Não bastando o que mencionamos, vale sempre lembrar que o próprio processo que vimos nas últimas décadas de liberalização, globalização e abertura de mercados tende a uniformizar as expectativas dos capitalistas ao redor do globo. O economista Nouriel Roubini afirma que há cerca de 1 trilhão de dólares em linhas de créditos entre bancos americanos e bancos ao redor do mun-



A Esquerda Marxista mostra que a preparação de quadros marxistas é uma das atividades centrais de uma organização revolucionária. A foto mostra os participantes da Universidade Vermelha em Pernambuco

do. Ao mesmo tempo, na medida em que o pessimismo se espalha o crédito estanca assim como os investimentos produtivos para o futuro. E isso ocorre do Brasil aos EUA, da Europa à Índia...

É nesse contexto em que os pregadores do keynesianismo roubam a cena. Muitos que advogaram por anos as virtudes do “livre-mercado” e das privatizações sem limites agora sem qualquer escrúpulo aderem à nova (ou velha?) teologia da intervenção do Estado e da regulação econômica e defendem até estatizações - temporárias é preciso dizer - para salvar bancos e empresas insolventes.

Entretanto, do ponto de vista da classe trabalhadora, a volta do keynesianismo não tem nada a oferecer. O problema fundamental não é se os governos vão ou não intensificar sua participação nos mercados. A questão chave é quem vai pagar a conta da crise... E isso remete diretamente ao problema da luta de classes.

Muitos costumam associar o Estado de bem estar social que surgiu nos países ricos do pós-guerra às práticas keynesianas. Mas isso não é verdadeiro. Só houve conquistas efetivas da classe trabalhadora em função da situação revolucionária que se abriu ao final da guerra. Para a burguesia, era dar os anéis para não perder os dedos...

É muito possível que a

adoção de políticas keynesianas sejam praticadas ao mesmo tempo em que ataques aos trabalhadores se multipliquem. Inclusive porque as políticas keynesianas de gastos do governo têm um limite claro: os governos tendem a se endividar ainda mais e a própria recessão promove queda na arrecadação de impostos. Nesse contexto já há “economistas keynesianos” que propõe cortar gastos em serviços públicos para manter o poder de intervenção do Estado em auxílio aos capitalistas.

A capacidade de organização e mobilização da classe trabalhadora é que será o fiel da balança. Numa Itália sacudida por greves (ver matéria nesta edição), o ultra-reacionário Berlusconi anuncia mais medidas de combate aos imigrantes, estimulando o ódio nacional. No Brasil, não apenas a FIESP, mas também o ministro Miguel Jorge, lamentam que o governo ainda não tenha feito a reforma trabalhista.

E tanto na Itália, como no Brasil, como em todo o mundo todos os representantes da burguesia são agora (neo) keynesianos e clamam por medidas intervencionistas que na prática são medidas de salvação de seus interesses apenas.

Trata-se para nós de realizar o verdadeiro debate de que não é “keynesianismo ou liberalismo”, mas sim “socialismo ou a barbárie capitalista”.

As demissões e as exportações

A Volvo acaba de anunciar demissões em suas fábricas: foram 430 demissões em Curitiba, 250 com contrato temporário e 180 efetivos. Além disso, demitiu 102 trabalhadores de uma fábrica em SP.

O presidente da Renault, na Folha de SP de 02/12 alerta que “os países que não ajudarem as montadoras terão demissões em massa”. Uma chantagem odiosa, já que quando as montadoras no Brasil estão enviando o resultado de seus lucros para capitalizar as matrizes na Europa e EUA.

O Globo publicou matéria em 30/11 alertando para as demissões que estão acontecendo nas fazendas mecanizadas do Mato Grosso. Em função da queda do preço da soja, vários fazendeiros não estão conseguindo pagar as máquinas (colheitadeiras, tratores em geral) que compraram financiadas pelos bancos. Os bancos estão entrando com ações de arresto das máquinas e as estão recolhendo em depósito.

Resultado: o fazendeiro perde o crédito, perde as máquinas e demite os empregados.

A crise mundial chega aqui - as exportações caíram de Nov-07 para Nov-08 em 5,7% para os EUA. Para a China (-30,1%), União Européia (-8,8%) Argentina (-8,7%) e Europa Oriental (-36,4%).

ILUSÕES PERIGOSAS

O PSOL e a crise

Marx escreveu no Manifesto Comunista nos acusam de querer abolir a propriedade privada dos meios de produção e estão certos, queremos justamente fazer isso. Agora, quando a crise dos meios de produção capitalista ou, em outras palavras, a crise do mercado capitalista cresce e atinge os trabalhadores, os falso profetas querem falar como se socialistas fossem. Mas começam dizendo o contrário:

“10. O objetivo maior da mudança deve ser o fortalecimento do mercado interno, e o estreitamento comum do enfrentamento da crise junto com os países da América do Sul.” (resolução do PSOL sobre a crise - <http://www.psol.org.br/nacional/executiva/1247-resolucao-acerca-da-crise-mundial>)

Ou seja, o nosso objetivo agora é de fortalecer o mercado interno, é nos comportarmos como meros burgueses nacionalistas e não o de expropriar a burguesia. A resolução continua com uma série de medidas que vão no sentido de construir uma “ética econômica”, igual a “ética política” que o PSOL defende - agitação contra a corrupção, defesa de aumento real de salários para fortalecer o mercado interno, não aceitamos que bancos públicos comprem ativos podres, os bancos devem sofrer intervenção na forma de controle, intervenção ou nacionalização sem indenização e, em caso de intervenção, os proprietários devem pagar as dívidas dos bancos. Nem uma palavra sobre controle operário, sobre estatizar as grandes empresas, sob os trabalhadores devem tomar o poder. Ao contrário, no final, convoca os lutadores a “lutar contra os efeitos da crise”.

Lamentamos tal posição. Os marxistas, pelo contrário, sabem que o nome da crise é capitalismo e que lutamos não “contra os efeitos da crise” mas para derrubar o capitalismo e salvar a humanidade.

ILUSÕES PERIGOSAS

PSOL em defesa de uma suposta “polícia limpa”

O PSOL foi constituído apresentando-se como uma ruptura do PT “pela esquerda” e de continuidade de luta pelo socialismo. Mas, este verniz não durou muito.

Nas eleições de 2006, Heloisa Helena aceitou o apoio de Garotinho dizendo “humildemente tenho que agradecer qualquer intenção de voto” (FSP online, 28/07/06). Depois arrematou: “Garotinho pode estar se identificando com o projeto econômico do PSOL, construído também por dois economistas sérios do país” (Agência Estado, 27/07/06). Isso diz tudo sobre o caráter da candidatura e do programa do PSOL.

Depois veio a nacionalização do gás feita por Evo Morales e Heloisa Helena se junta ao coro da burguesia declarando como uma vulgar chauvinista que Lula devia ser mais duro com Evo na defesa da Petrobras.

Agora nas eleições de 2008 se viu que o PSOL começou de fato por onde o PT está se destruindo. As mais variadas alianças e acordos com os partidos burgueses foram feitos Brasil a fora. Com duas pérolas para coroar. Em Contagem o PSOL fez campanha denunciando que a atual prefeita do PT contratava na prefeitura “gente de fora” de Contagem. E Luciana Genro achou natural e muito boa a doação de R\$100 mil do grupo metalúrgico Gerdau para sua candidatura em Porto Alegre.

De fato não há grandes diferenças entre a política da direção do PT e o PSOL. São só detalhes. A grande diferença na verdade é que a base do PT é a classe operária já a base do PSOL é a pequena burguesia nervosa e histérica. Expressão disso é a política da direção do PSOL de tentar moralizar o capitalismo, de lutar pela ética na política, entre outras.

Qualquer socialista honesto sabe que o capitalismo não pode ser moralizado. Ele deve ser abolido e não porque alguns são corruptos, mas porque é um regime que oprime bilhões de seres humanos. A corrupção é apenas parte intrínseca dos métodos capitalistas de vida.

Política de classe e não “ética na política”

Um revolucionário marxista não luta “pela ética na política”. Os marxistas lutam com os métodos da classe operária contra os capitalistas que para manter a opressão usam os métodos da classe capitalista. Não há “uma política” que deveria ser “limpa de todo o mal”, mas apenas políticas de classe e de frações ou setores de classe.

A burguesia é corrupta e sua decomposição social e econômica da época do imperialismo (época da reação em toda linha, segundo Lênin), é que transforma em podridão tudo o que ela toca. O Estado se torna mafioso e toda a economia vive de expedientes inconfessáveis. Com sua decomposição como classe surge as máfias que se combatem com o que tiverem a mão. É isto que faz surgir guerras entre grupos econômicos que usam as armas do aparelho de estado uns contra os outros.

É evidente que a guerra relativa a Brasil Telecom é que originou tudo isso e os grupos envolvidos se atacam utilizando, cada um do seu modo, os postos que tem no aparelho de estado e sua extensão que é o judiciário e a polícia.

É o espetáculo da Polícia Federal mostrada como a campeã da moralidade. E isto serve imensamente a toda a burguesia para dar uma cara honesta para a polícia e assim poder usá-la cada vez mais para a criminalização dos movimentos sociais e para toda repressão. A polícia existe para garantir o regime da propriedade privada



Manifestação pelo delegado

dos meios de produção.

O PSOL não pensa assim. Ele quer uma polícia limpinha e honesta. E pior, acredita que ela existe. E está encarnada num policial (Protógenes), num juiz (De Sanctis) e num procurador de justiça (De Grandis).

O nosso lado: com os operários, contra toda fração da burguesia

Os dirigentes do PSOL não tem nenhuma vergonha de situar-se ao lado de uma das duas máfias em guerra e fazer atos em apoio a estes policiais em Porto Alegre, em Goiania e outros. Estes pequenos burgueses crêem estar atacando Lula, quando na verdade só estão se desmoralizando. Para atacar Lula não precisariam se aliar com um setor da polícia e do judiciário que é tão comprometido como todos os outros. Concretamente se colocam ao lado do grupo de Paulo Lacerda, ex-chefe da PF e ex-chefe da ABIn para lutar contra o grupo que tem hoje o atual chefe da PF, Luiz Fernando Correa, como líder.

A Nota da Executiva Nacional do P-SOL mostra a vergonha e a bancarrota política destes dirigentes: “O PSOL, Partido Socialismo e Liberdade, vem

a público repudiar as declarações do Sr. Luiz Fernando Correa, Diretor Geral da Polícia Federal, veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo, cujo objetivo foi justificar o afastamento do Delegado Protógenes Queiroz do Serviço de Inteligência da Polícia Federal...

O PSOL apóia e se solidariza com o Delegado Protógenes, com o Juiz Fausto De Sanctis e com o Procurador da República Rodrigo De Grandis, exatamente pela isenção, imparcialidade, honestidade e coragem que demonstraram...

O PSOL orgulha-se de defendê-los. Honrar-nos-ia ter qualquer um destes servidores exemplares em nossos quadros partidários”.

A polícia e o judiciário estão a serviço dos mesmos interesses que Lula e se governo defendem. São instrumentos, em todas as suas frações, de ataque contra o movimento operário e a luta pelo socialismo. A corrupção vai acabar quando a classe operária enterrar o capitalismo em todo o planeta. Mas para isso é preciso construir uma organização marxista de sólidos quadros operários e de militantes que não se deixem arrastar pela moral da pequena burguesia espantada e apavorada.

DEFENDENDO O CAPITALISMO

O PT e a crise

A resolução da DN de 07-11-08 mistura ignorância e um oficialismo degradante, onde os direitos dos trabalhadores, dos pequenos agricultores e dos sem-terra não têm vez. Começa dizendo que houve um problema de “credibilidade” na economia dos EUA, passa por dizer que o Brasil deve propor uma nova ordem internacional, constata, consternado, que os mercados mundiais são imprevisíveis, que o governo Lula construiu “solidez fiscal”, garantindo oferta de dólares, gerando confiança e segurança. “Assegurar a continuidade do PAC, dos investimentos sociais, dar prioridade ao mercado interno e à integração regional, combinando isto com o estímulo aos investimentos privados.”

Com esta análise impressionista, as propostas só poderiam ser a continuidade da mesma que os economistas burgueses preconizam: “regulamentação sobre o conjunto do sistema financeiro”, fortalecer o Estado e

o mercado interno, rebaixar os juros, articulação dos países em desenvolvimento, denúncia da irresponsabilidade dos países ricos, saudação à Obama como primeiro negro a assumir a presidência dos EUA. E termina aí a parte da crise!

Explicamos: os capitalistas não são irresponsáveis. Eles perseguem lucros. E para tal, tem que vender o produto de suas fábricas. Simples assim. Após a crise dos anos 80, a destruição da URSS criou um novo “mercado” que em 10 anos foi ocupado, causando desemprego, miséria, derrubada da expectativa de vida. E quando não havia mais o que fazer, por volta do ano 2.000, jogaram o problema para frente, criando um crédito imenso – o Japão tem de dívidas (pública, dos consumidores e das empresas) o equivalente a 400% do PIB, os EUA 200%, a Europa em média 200%. Ou seja, seria necessário produzir durante dois ou três anos, sem nada consumir, para pagar a dívida.

Uma insanidade? Não, apenas a busca “normal” capitalista pelos lucros, busca que inclui a disputa inclusive armada pelos mercados, como investir 3 trilhões de dólares na invasão do Iraque e Afeganistão. O problema é que quando isso não dá o lucro esperado, quando não se recupera os investimentos, quando um outro crédito não é pago, tudo começa a cair como um castelo de cartas.

Para “proteger” os créditos inventaram os derivativos. Hoje o mundo produz algo em torno de 54 trilhões de dólares anuais e tem de “ativos” financeiros, empréstimos, seguros e derivativos algo em torno de 600 a 700 trilhões de dólares. E a queda vai arrastando tudo. O mito de que é possível “regulamentar”, que qualquer regulamentação vai impedir as “irresponsabilidades”, é o mito de quem quer “organizar” o capitalismo ao invés de ajudar os trabalhadores a expropriar a burguesia e construir o socialismo.

A direção do PT propõe uma saída da direita “irresponsável” para a direita “responsável” onde a palavra socialismo, ações como expropriar a burguesia, decretar a estabilidade no emprego, o fim das remessas de lucro, a estatização sobre controle operário de bancos e grandes empresas, a decretação da

reforma agrária, tudo isso passa longe, muito longe, da resolução. Construir as chapas rumo à esquerda, construir as chapas com a Esquerda Marxista, é abrir uma alternativa para que o PT possa retomar o prumo, retomar os anos áureos em que arrastava operários e a juventude rumo à revolução.

IMPERIALISMO CAPITAL FICTÍCIO

Uma análise marxista da crise econômica atual

LUIZ RICARDO



Adquira seu exemplar com os militantes da esquerda marxista

A CUT NA ENCRUZILHADA

A CUT e a crise

Se a direção da CUT consegue ser mais realista sobre a crise que a direção do PT, ao dizer que a crise é mais profunda que se imagina, a maior crise desde 29, acaba identificando a crise com a criação de um fosso entre os “papéis” e a riqueza alcançada pela “produção e pelo trabalho”. Com esta frase, a direção da CUT aceita, talvez sem o perceber, que a riqueza é feita não só pelo trabalho humano, mas também pela “produção”, produção que por esta construção está separada do trabalho.

O resultado é que as propostas da Executiva da CUT se dividem entre posições de defesa dos trabalhadores - estabilidade no emprego, redução da jornada de trabalho, reforma agrária, estatização

de bancos falidos, fim das privatizações e retomada do petróleo estatal - com propostas que ajudam a “produção” ou, em outras palavras, propostas que se dividem entre os sonhos pequeno-burgueses de controle do mercado e aquelas que vão no sentido de financiar os burgueses pura e simplesmente – fim do superávit primário ao invés de não pagamento da dívida, ampliação dos investimentos do BNDES, punições aos bancos que não garantam crédito(!), limites para rendimentos de executivos, câmaras setoriais, metas de inflação mais “flexíveis”, “controle” das operações financeiras internacionais, fortalecimento do Mercosul.

Claro está que os trabalhadores procurarão se agarrar nos pontos positivos desta reso-

lução, mas no momento de divisão do sindicalismo patrocinado pelo governo que inunda as centrais sindicais com o dinheiro podre do imposto sindical, ela não serve para o combate necessário em direção à unidade dos trabalhadores, a unidade necessária para abater o capitalismo.

Os sindicalistas da Esquerda Marxista estão propondo que a CUT se volte inteiramente para a defesa dos trabalhadores, abandonando as propostas “oficialistas”, de defesa do capital, e passe à ofensiva, exigindo a estatização dos bancos e grandes empresas sob o controle dos trabalhadores e a retirada de todos os projetos que atingem os direitos dos trabalhadores – ampliação da terceirização, reforma tributária, etc.

Uma proposta reformista para a crise

A CUT, o MST, a UNE e mais de 50 organizações entregaram uma Carta dos Movimentos Sociais com propostas para o governo federal diante da crise econômica mundial.

Após a derrocada internacional dos cantores do capitalismo e sua exuberância interminável era de se esperar que dirigentes de organizações de trabalhadores e da juventude apresentassem saídas do ponto de vista da classe trabalhadora para a crise capitalista. E não uma tentativa reformista das mais vulgares.

As propostas, apesar de conter algumas reivindicações justas, são de conjunto uma mistura de nacionalismo burguês com delírios pequeno-burgueses: redução de juros e regulação do capital especulativo, substituição do dólar nas transações regionais, culpa dos “países centrais” pela crise (!), revisar a política de superávit primário, etc. Propostas a direita das apresentadas pelos nacionalistas burgueses como Carlos Lessa e outros.

Seu objetivo parece ser construir um impossível capita-

lismo latino americano saudável. Suas propostas são outra tentativa de dar face humana ao monstro imperialista. E mostram que seus autores não entendem o que é o capitalismo e como funciona a economia. Eles sonham com um “capitalismo num só subcontinente”. Uma vergonha política que de fato é uma ponte para uma capitulação maior com a realização da “unidade nacional” com a burguesia frente a crise.

A luta de classes, os trabalhadores em seu movimento prático vão fazer pedaços desta tentativa disfarçada de pacto social. A Esquerda Marxista estará na linha de frente da luta contra todas as tentativas de por o movimento operário a reboque dos capitalistas. A CUT e a UNE devem assumir suas responsabilidades e defender uma saída socialista e internacional para a crise capitalista. Começa por exigir de Lula e do PT a ruptura com a burguesia.

Leia a crítica econômica e política completa e o documento entregue no site www.marxismo.org.br

JOINVILLE

Mandato da EM e o Governo de Carlito

Em 2008, depois de mais de 27 anos de lutas, finalmente o Partido dos Trabalhadores (PT) conquistou uma expressiva votação de mais de 106 mil votos e chegou ao governo de Joinville. Nas articulações para o primeiro turno estabeleceu-se uma conturbada aliança com o Partido da República (PR), sigla praticamente inexistente na cidade, cujos poucos filiados divergiam sobre o assunto. Ficou claro que a apro-

“Entendemos que o PT foi levado à prefeitura de Joinville pelos trabalhadores, cujas reivindicações, agora, devem ser atendidas.”

ximação com a sigla foi apenas com o intuito de ter um minuto a mais na transmissão do horário eleitoral gratuito. Foi uma coligação forçada de cima para baixo que teve inclusive que ser garantida judicialmente nos instantes finais. No segundo turno, o candidato petista Carlito Merss aliou-se também ao PP, PMDB, PDT e PPS, comprometendo ainda mais seu governo.

Conquistada a vitória, o novo prefeito informou à cidade e ao partido que seu governo formaria uma coa-

lização com partidos da burguesia que historicamente comandaram a cidade. Seu slogan explicava tudo: Seria um governo “Joinville de toda sua gente”.

Nosso mandato conquistou 5.574 votos a partir de uma plataforma comprometida com os interesses dos trabalhadores. Entendemos que o PT foi levado à prefeitura de Joinville pelos trabalhadores, cujas reivindicações, agora, devem ser atendidas. Continuaremos contribuindo no processo de organização do povo trabalhador joinvilense, lutando por um governo do PT sem a burguesia que atenda as demandas populares.

Mariano – Vereador do PT de Joinville



BAURU

Ataque ao mandato do Vereador eleito pela EM, Roque Ferreira

O analista Judiciário Luciano Olavo da Silva propôs a não aprovação das contas eleitorais do vereador Roque por dois motivos: Ele não teria pago uma multa de R\$ 2.000,00 a Justiça eleitoral e não teria declarado os proventos da sua advogada no processo da multa como “gasto de campanha”.

O Vereador já fez a sua defesa, onde esclarece que ele foi notificado da decisão final sobre a multa após a eleição, no dia 20 de novembro, com data de 30 dias para paga-

mento – portanto em 20 de dezembro. Sendo assim, seria impossível ele ter pago a multa em tempo para constar a mesma como “gasto de campanha”.

Além disso, existem decisões do TSE já transitadas em julgado esclarecendo que multas e despesas com advogados não constituem gastos de campanha.

Por ultimo, o advogado esclareceu na própria petição que advogou em caráter de ter ganho caso fosse vitorioso na causa, o que não foi o caso.



Comitê de campanha do Roque em Bauru

DINHEIRO PARA OS RICOS

As medidas do governo Lula na crise

A crise econômica expõe com mais clareza as contradições intrínsecas do sistema capitalista e isso deve ser usado pelos revolucionários para explicar, ao conjunto dos trabalhadores, o beco sem saída ao qual nos leva esse sistema: bilhões, trilhões, para os capitalistas; para os trabalhadores, a conta a pagar.

O governo brasileiro segue a mesma cartilha dos governos dos EUA e da União Européia, em um mês e meio já gastou mais de R\$ 150 bilhões para salvar as perdas da burguesia. Lançou a Medi-

da Provisória (MP) 442, que dá ao Banco Central o poder de comprar títulos emitidos por instituições financeiras sem que estas comprovem estar em dia com o Tesouro Nacional ou com o FGTS. E a MP 443, que autoriza o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal a comprarem bancos e a CEF (através da criação da empresa Caixa - Banco de Investimentos) a estatizar qualquer coisa.

Na conta dos mais de R\$ 150 bilhões, entram: R\$ 7 bilhões, tirados do FGTS, para o BNDES; R\$ 10 bilhões do BNDES para

financiar os exportadores; R\$ 5 bilhões em antecipação do crédito rural; Mais uma ampliação de R\$ 5,5 bilhões do crédito rural para os latifundiários; R\$ 4 bilhões em crédito para os bancos das montadoras de veículos (mais R\$ 4 bilhões foram concedidos pelo governo do Estado de São Paulo, via Nossa Caixa); R\$ 5 bilhões em crédito, via BB, para pequenas e médias empresas; R\$ 2 bilhões da CEF para redes varejistas; R\$ 3 bilhões também da CEF para as construtoras.

A isso se soma a entrega diária de dólares ao “mercado” (ou melhor, aos especuladores e multinacionais que precisam remeter lucros ao exterior), para evitar a supervalorização da moeda norte-americana. Para essa finalidade, o governo já injetou 46,5 bilhões de dólares, o equivalente a 106 bilhões de reais, valor no qual está incluído o acordo entre o BC brasileiro e o americano, que estabelece uma linha de troca de reais por dólares no valor de US\$ 30 bilhões.

A crise tem exposto, também, a imensa contradição do governo Lula que, eleito para

governar para os trabalhadores, tem escolhido, com a coalizão com a direita e ao lado de seus ministros capitalistas, governar para os patrões. Dessa crise, muitas lições a classe trabalhadora tem a tirar para pavimentar o caminho para uma nova sociedade, uma sociedade sem crises que jogam seres-humanos na miséria e aumentam a exploração sobre os trabalhadores. Uma sociedade que prefira investir na melhoria de vida da maioria, do que na garantia de lucros de um punhado de capitalistas. Uma sociedade socialista!

DEFENDENDO OS APOSENTADOS

Previdência: Governo quer trocar 6 por 3

Uma pressão cada vez maior pela aprovação dos projetos relativos à Previdência apresentados pelo senador Paim está levando o governo a tentar uma manobra escandalosa. Prevendo que não conseguirá impedir a aprovação do projeto que acaba com o “Fator Previdenciário”, e outros, o governo tenta negociar o fim do fator previdenciário em troca da exigência de idade mínima nas aposentadorias, que passariam a ser de 70 anos para homens e 65 anos para mulheres.

Ou seja, “aceita” retirar a lei que impede um trabalhador com 35 anos de contribuição de se aposentar aos 53 anos com benefício integral (o que o obrigaria a trabalhar até os 60 para ter este direito) trocando por uma lei em que este só poderia se aposentar aos 70 anos. É incrível a cara de pau dos representantes deste governo de coalizão com a burguesia.

O governo também quer

“substituir” outro projeto que reajusta valores das aposentadorias e pensões do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) por um programa de recuperação apenas dos benefícios de valor mais baixo, até 3 salários mínimos.

Os líderes do governo atacaram Paim publicamente por causa deste projetos acusando-o de irresponsável por que aumentaria as despesas da Previdência. Paim deu uma excelente resposta pública dizendo que sim, existe dinheiro para saldar a dívida com os aposentados, e a prova é que o governo não está tendo problemas em dar bilhões de Reais para bancos, multinacionais e grandes empresários. Ou seja, tem dinheiro para os capitalistas mas não para o povo trabalhador. Paim tem toda razão.

Esta suposta “negociação” tem que ser recusada pela CUT e os sindicatos. Aceitar negociar isto significa tirar força da possibili-

dade de aprovação dos projetos de Paim que reparam golpes graves dados pelo governo FHC contra a classe trabalhadora. A tarefa é mobilizar e partir para cima do congresso nacional exigindo a aprovação e ratificação dos projetos.

Entenda os projetos de Palm

1. Fator Previdenciário (PL 3.299/08): Elimina do cálculo das aposentadorias por tempo de contribuição a fórmula que impede a aposentadoria com benefício integral aos 35 anos de contribuição se não tiver 60 anos de idade. Esta fórmula criada em 1999 (FHC) considera a idade e a expectativa de sobrevivência do trabalhador (conforme dados do IBGE) no momento do pedido de aposentadoria para calcular o valor do benefício. Quanto mais jovem, menor o valor da aposentadoria

A proposta muda também

a forma de calcular o benefício: em vez de tomar por base a média das contribuições feitas ao INSS desde 1994, ela retoma o critério antigo de considerar apenas os últimos três anos de contribuição.

2. Reajuste (PL 1/07): repassa a todos os benefícios de valores superiores a um salário mínimo o índice de 9,2% de aumento aplicado ao mínimo este ano. Esses benefícios foram reajustados em 5%, índice correspondente à variação anual do INPC. Já aprovado no Senado agora vai para a Câmara.

3. Vinculação ao salário mínimo (PLS 58/03): A proposta cria um mecanismo que vincula as aposentadorias e pensões ao salário mínimo e reajusta os benefícios atuais para que voltem a ter, em número de salários mínimos, valor equivalente ao que tinham na época em que foram concedidos. Já aprovado no Senado agora vai para a Câmara.

Reforma Tributária

Reforma tributária encaminhada pelo governo diminui a contribuição previdenciária patronal de 20% para 14%, acaba com o Finsocial e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (pago pelos bancos), com o salário educação e cria o IVA-federal (Imposto sobre Valores Agregados). Ou seja, acaba com tributos constitucionalmente destinados a Seguridade Social (Saúde, Aposentadoria e Assistência Social) e a educação, pagos pelos patrões e cria um imposto que recai mais fortemente sobre os trabalhadores (igual ao ICMS) e que não tem destinação para a Seguridade Social. Resultado – todas as “previsões” de que a Previdência será deficitária daqui a “30 anos” poderão se cumprir, fruto dessa Reforma Tributária.

PROJETOS PERIGOSOS

Terceirização e contrato temporário

(fonte: DIAP – Silvia Barbra - <http://www.diap.org.br/index.php/agencia-diap/159-opiniao-pl-4.30298-quem-foi-quem-no-projeto-que-poe-fim-ao-contrato-de-trabalho>)

“O artigo 1º trata exclusivamente do trabalho temporário. Para tanto, os nobres parlamentares altera-

ram nove artigos da Lei 6.019/74 e criaram um novo conceito de “trabalho temporário”. A inovação permite que um trabalhador possa permanecer “temporariamente” por 35 anos ou mais numa mesma empresa, desde que a cada nove meses (270 dias, consecutivos ou não) deixe de receber salários

por três meses!”

“O projeto só prevê restrição para os empregados: eles perdem o direito, inclusive, de abrir reclamação na Justiça do Trabalho. Não é à toa que a “inexistência de vínculo” é reafirmada duas vezes na proposição.

Quanto aos empregadores, a contratação por “prestação de serviços” está completamente liberada para qualquer atividade, em caráter permanente ou não e sem o “ônus” da legislação trabalhista e previdenciária. Quer coisa melhor??

Que esse projeto é uma sem-vergonhice que antecipa e conclui a reforma trabalhista, disso ninguém duvida.”

Votado por unanimidade na comissão de trabalho com a presença dos seguintes parlamentares:



Vicentinho - antes líder sindical, agora deputado votando contra os trabalhadores

PT	Paulo Rocha (PA); Tarcísio Zimmermann (RS); e Vicentinho (SP)
PCdoB	Daniel Almeida (BA); Vanessa Grazziontin (AM); e Manuela D'Ávila (RS)
PSB	Maria Helena (RR); e Mauro Nazif (RO)
PDT	Paulo Pereira da Silva (SP) - <i>absteve-se de votar</i>
PTB	Luiz Carlos Busato (SP)
PMDB	Edgar Moury (PE); Wilson Braga (PB); Carlos Alberto Canuto (AL); Edinho Bez (SC); e Tadeu Filippelli (DF)
PV	Roberto Santiago (SP); e Edigar Mão Branca (BA)
PSC	Filipe Pereira
PR	Gorete Pereira (CE); e Milton Monti (SP)
PSDB	Andreia Zito (RJ); Laércio Oliveira (SE); Carlos Alberto Leréia (GO); Eduardo Barbosa (MG); e Eduardo Gomes (TO)

Ausentes à sessão:

PT	Marco Maia (RS)
PCdoB	Renildo Calheiros (PE)
PTB	Jovair Arantes; e Nelson Marquezelli (SP)
PMDB	Elcione Barbalho (PA)
PPS	Cláudio Magrão (SP)
PR	Aracely de Paula (MG); Sandro Mabel (GO) - <i>autor do parecer que pediu a aprovação do projeto</i>
PSDB	Thelma de Oliveira (MT)

A JUSTIÇA ATACA...

Um juiz contra os trabalhadores

Novo ataque contra Flasko e os movimentos populares. Juiz decide que "o movimento conjuga métodos de guerrilha a ataques de organizações terroristas"

Em 24 de novembro o Conselho de fábrica da Flaskô recebeu uma intimação judicial comunicando um "Interdito proibitório", instrumento legal que visa repelir algum tipo de ameaça à posse, proibindo a aproximação de determinado local, dirigido ao movimento dos trabalhadores da Flaskô, contra a Associação dos Moradores do Parque Bandeirantes (ocupação feita por trabalhadores em terreno da Flaskô e apoiada por esta que constituiu a Vila Operária), e contra o MTST (Sem Teto).

O "Interdito Proibitório" foi pedido por uma Imobiliária, proprietária de uma área localizada ao lado da Flasko e da Vila Operária. No pedido, a Imobiliária alega sentir-se ameaçada

em razão da proximidade do movimento que administra a Flaskô e do MTST. Afirma que ouviu dizer (através de seus funcionários e também de terceiros) que haveria intenção destes movimentos em ampliar a ocupação da Vila Operária, promovendo novas ocupações, o que atingiria sua propriedade. Alegam "atos já praticados pelos turbaadores" citando a ocupação da Vila Operária e da Flaskô, assim como a ocupação recente de um terreno no Jardim Denadai, ambos em Sumaré.

Sentindo-se ameaçada a imobiliária especuladora dirige-se ao sempre zeloso judiciário na "defesa da propriedade privada" e é prontamente atendida.

A decisão do juiz da Segunda Vara Cível de Sumaré,

Dr. André Gonçalves Fernandes, é escandalosa e dela se destacam argumentos que demonstram um ódio de classe que vai além de qualquer pretensão de "direito" burguês:

O juiz diz ser "notório que o MTST faz parte da Via Campesina, que tem por intenção a subversão da ordem e o desrespeito escancarado ao direito de propriedade". Ele cita diversas manifestações populares da via Campesina, como o que ocorreu na Monsanto e na Standard, qualificando todos de "criminosos".

Afirma o Juiz que "o movimento conjuga métodos de guerrilha a ataques de organizações terroristas". Diz que tudo isso ocorre "sob a vista permissiva do Governo Federal, cujo partido o pariu e fomentou suas estripulias

éticas durante o Governo FHC".

O juiz de direito (!) faz várias alusões a Marx e Lênin dizendo que o "catecismo deles encontra-se sepultado e historicamente fracassado". E conclui: "Assim, não se estranhe dentro da ótica gramsciana que os réus pretendam correr às entranhas do Estado-Direito naquilo que representa um de seus pilares, a saber, o direito de propriedade"¹.

A partir desta apreciação fascista dos problemas sociais e sem ter nenhuma base real em fatos em que se apoiar para acusar a Flaskô, a Associação de Moradores e o MTST, o juiz defere a liminar ameaçando todos com multa pecuniária diária no valor de 100 mil reais!

Assim prossegue a jornada "judicial" de criminalização dos

movimentos sociais sob o silêncio e a cumplicidade do governo federal. É a cara judicial-policial do estado burguês mostrando o que ele é: um bando de homens armados a serviço do regime capitalista.

O Movimento das Fábricas Ocupadas, o Conselho da Flaskô, a associação dos Moradores da Vila Operária, o MTST e todos os movimentos populares organizados já tomaram as medidas judiciais cabíveis. Mas todos sabem que esta luta se ganhará nas ruas através da mobilização e organização. Por isso o movimento promove em 13 de dezembro o Encontro Operário e Popular na Flaskô, fábrica ocupada pelos trabalhadores.

¹A decisão pode ser vista, em sua integralidade, em www.tj.sp.gov.br, número do processo: 2920/2008.

...E OS TRABALHADORES RESISTEM

A saída da crise é... Ocupar! Resistir! Produzir!

Os trabalhadores da fábrica ocupada Flaskô convocam um encontro de fim de ano que já virou tradição, pois desde 2003 é realizado. Porém, em meio à crise mundial, o evento adquire um significado maior: o de construir uma plataforma comum de luta operária e popular pelo socialismo, como forma de evitar a barbárie que se anuncia com demissões em massa, fechamento de fábricas e cortes no orçamento da educação, saúde e aposentadoria.

Por isso, nos materiais de convocação pode-se ler: "A saída da crise é ocupar! Resistir! Produzir! Estatização sob controle operário!"

É o Movimento das Fábricas Ocupadas mais vivo do que nunca, mesmo após a intervenção federal na Cipla e Interfibra que, aliás, transformou-se em seu contrário. Como não resolveu nenhum problema dos trabalhado-



Trabalhadores se organizando, com apoio das fábricas ocupadas, para ocupar terreno e construir loteamento

res, deixa evidente que a democrática gestão operária nas fábricas era e é única saída para os trabalhadores e o conjunto do país.

A estatização e a planificação da economia pelos trabalhadores organizados podem evitar que bilhões sejam gastos inutilmente para salvar banqueiros e empresários, enquanto o povo continua desprotegido frente a crise que não pára de cres-

cer.

Mais do que isso, a socialização dos meios de produção, ou seja, das fábricas, bancos e terras permite que os próprios trabalhadores decidam o que será produzido e como será distribuído, exatamente para atender os interesses de quem trabalha.

Assim, a produção não será um meio para engordar o capital e sim um meio de satisfazer as necessidades

dos trabalhadores e do povo brasileiro.

Situação dos trabalhadores da Flaskô

Após uma série vitoriosa de mobilizações, os trabalhadores da Flaskô conseguiram a suspensão temporária do pagamento das parcelas da dívida com energia elétrica "herdada" dos patrões, o que permite aos trabalhadores afrouxarem um pouco a corda que, no entanto, continua no pescoço.

Haverá uma nova rodada de negociação com a companhia de luz (CPFL) no começo de dezembro e, por isso, aliado à convocação do Encontro, está na internet uma campanha eletrônica de adesões individuais e coletivas à luta (www.flasko.blogspot.com). Todos podem e devem participar, expressando seu apoio à fábrica ocupada Flaskô!

Viva a aliança do Movimento das Fábricas Ocupadas com o MTST!

Os trabalhadores da Flaskô conversaram e deram suporte ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) para organizar o acampamento Zumbi dos Palmares, em Sumaré/SP.

A ocupação conta com 2 mil pessoas e reivindica da Prefeitura a expropriação da área para fins de moradia. O terreno estava abandonado e só servia para o tráfico de drogas e a desova de cadáveres.

A experiência vitoriosa de outra ocupação contou para a massificação do atual acampamento. A Vila Operária e Popular, bairro levantado no terreno da Flaskô, mostra que, com luta, é possível conquistar!

Além disso, as experiências unem a luta pelo trabalho com a luta pela moradia, como direitos fundamentais da classe trabalhadora, sistematicamente negados pelo capitalismo.

PETROBRAS

O petróleo é nosso

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) lançou uma campanha nacional com objetivo de recolher 1,3 milhões de assinaturas para levar ao Congresso Nacional um projeto de lei que barre as manobras que vem sendo feitas pelo governo federal para retirar da Petrobrás os direitos sobre todo o petróleo recentemente descoberto.

A manobra é clara e apareceu nas declarações demagógicas de Lula sobre a necessidade de criar outra empresa para explorar o pré-sal para “garantir que estes recursos sejam do povo brasileiro”. Na verdade o que pretende Lula é esvaziar a Petrobrás já que não pode privatizá-la e criar uma empresa fantasma para administrar a distribuição de concessões para a ex-

ploração privada desta imensa riqueza. Lula fala em defender o povo, mas está propondo um “modelo norueguês” de privatização do petróleo.

Contra isso a mobilização aumenta em todo o país.

O Comitê Estadual de Defesa do Petróleo pela Soberania Nacional (SP) aprovou no dia 1º de novembro de 2008, em assembléia com os movimentos sociais, uma carta a Lula com as seguintes reivindicações:

– A sociedade exige um novo marco regulatório para o setor do petróleo, que garanta a soberania do país

– Que os recursos oriundos do lucro do petróleo sejam revertidos prioritariamente para as áreas de Educação, Saúde, Moradia e para avançar os pro-



gramas sociais;

– Por uma Petrobrás 100% estatal, visto que hoje parte significativa das ações da empresa se encontra em poder de corporações multinacionais;

– Revogação da lei 9478/97, que quebrou o monopólio estatal da Petrobrás;

– Cancelamento imediato do 10º leilão do petróleo, marcado para o dia 18 de dezem-

bro.

Estas iniciativas devem ser apoiadas por todos os sindicatos e multiplicadas em todos os estados com a realização de seminários, debates, etc.

No site da FUP <http://www.fup.org.br/> há notícias regulares sobre as mobilizações e se pode baixar os instrumentos de campanha como faixa, banner e o texto do projeto

de lei.

Petroleiros vão à luta (Box)

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) e os sindicatos petroleiros decidiram discutir um calendário de greve, caso o governo federal mantenha a décima rodada de licitação de blocos exploratórios de petróleo e gás, previsto para ocorrer no dia 18 de dezembro.

O indicativo de greve foi aprovado no XIV Congresso Nacional da Federação Única dos Petroleiros, realizado entre 31/07 e 02/08, no Espírito Santo. A categoria deliberou que entraria em greve se a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP) der continuidade às licitações para concessão das reservas nacionais de petróleo e gás.

A TRAGÉDIA DE SC

Chuvas, tragédia, morte e destruição

Com gastos em prevenção os governos poderiam prevenir

Os números da tragédia de Santa Catarina são impressionantes. Mais de 100 mortes são registradas depois das chuvas que se precipitaram por cerca de dois meses. Mais de 1,5 milhão de pessoas foram afetadas. São mais de 80 mil desabrigados. Mais de 80 municípios foram atingidos. Em Blumenau, Itajaí, Jaraguá do Sul, Joinville e Brusque encontram-se as áreas mais castigadas.

Mas impressiona mais ainda as cifras dos gastos oficiais com o programa de prevenção e preparação para emergências e desastres, de responsabilidade do Ministério da Integração Nacional. A interpretação destes números nos conduz a uma conclusão conhecida por todos nós, mas principalmente por aqueles que periodicamente sofrem as enchentes no sul do país. Os gover-

nos gastam pouco e gastam mal com prevenção, porque se houvesse investimentos suficientes nesta área o desastre poderia ter proporção infinitamente menor.

Vejamos uma situação concreta: o governo central destinou em 2008 R\$ 2,4 milhões para obras de prevenção como contenção de encostas e canalização de córregos, para Santa Catarina. Ao mesmo tempo mais de R\$ 7,4 milhões para atender progra-

ma denominado de resposta aos desastres, aplicados depois da desgraça. Há um triplo de destinação de recursos públicos para remediar, em inversão irresponsável de dinheiro público, que deveria estar aplicado em prevenção.

Mas lamentavelmente o descaso com o povo não fica por aí. De uma dotação total de R\$ 375 milhões para o programa nacional de prevenção e preparação para emergências e desastres, neste ano de 2008, somente R\$ 98 milhões haviam sido gastos

até o dia 21 de novembro último, em um percentual de 26%. No mesmo período somente R\$ 15 milhões foram gastos em obras preventivas de desastres, de um total de R\$ 97 milhões.

Ao mesmo tempo o programa de resposta aos desastres, cuja destinação ocorre depois da tragédia, mortes e destruição, é dotado de orçamento e gastos muito maiores que o programa de prevenção. Dos mais de R\$ 538 milhões previstos este ano, cerca de R\$ 260 milhões foram aplicados, ou seja, quase metade da verba autorizada em orçamento.

Maria Lúcia de Paula Herman, geóloga e pesquisadora do grupo de estudos de Desastres Ambientais da Universidade Federal de Santa Catarina, reconhece que uma quantidade incomum de chuva atingiu o Estado nos últimos dias, mas avalia que não houve, ao longo dos anos, o esforço necessário dos governos e

prefeituras para impedir ocupações irregulares em encostas de morro e em planícies fluviais, locais que sofrem quando há grande ocorrência de chuvas.

Segundo a pesquisadora, as características do solo e do relevo e as condições climáticas anômalas não são capazes de, sozinhas, explicar a tragédia ocorrida em Santa Catarina. Mais do que os fenômenos naturais, o descaso do poder público ao longo das últimas décadas foi a principal razão do elevado número de mortos, desabrigados e desalojados.

Diante das proporções do desastre cabe aos catarinenses exigir do Governo do Estado, do Governo Federal e das Prefeituras imediatas providências com o início de obras públicas de contenção das águas e encostas, soluções para a ocupação urbana irregular, saneamento básico e sistemas de previsão e alerta, para que os acontecimentos atuais não se repitam.



Tragédia que podia ser evitada

DEFESA DOS SINDICALISTAS

Quem somos e pelo que lutamos

Enviar moções urgente para:
Para: 'trabajadores2008@yahoo.com'
Cc: 'frentecontrolobrero@gmail.com'

Prezados companheiros,

Recebam nossa solidariedade.

Repúdio ao assassinato dos dirigentes sindicais da União Nacional dos Trabalhadores (UNT) Richard Gallardo, Luis Hernández e Carlos Requena!
Exigimos justiça e punição para os culpados!

Pela nacionalização sob controle operário de fábrica Alpina e de todas as grandes empresas de laticínios da Venezuela!

Nós, do Movimento das Fábricas Ocupadas do Brasil, recebemos a notícia do assassinato desses companheiros com indignação e revolta.

É evidente que se trata de um crime político a mando da patronal contra a liberdade e autonomia sindical, contra o direito de greve e contra a luta pelos empregos, salários e direitos dos trabalhadores venezuelanos.

Os companheiros foram emboscados enquanto organizavam a tomada e a ocupação da fábrica de laticínios Alpina e exigiam sua expropriação sob controle dos trabalhadores, como continuidade da luta em defesa dos empregos ameaçados, após os patrões anunciarem o fechamento da unidade de Cagua (Aragua).

Por isso, prestamos nossa solidariedade e exigimos justiça e punição aos culpados pelo assassinato de Richard Gallardo, Luis Hernández e Carlos Requena!

Podem contar com nosso apoio na luta pela nacionalização das fábricas, bancos e grandes empresas sob controle operário! Pela vitória do socialismo na Venezuela!

Serge Goulart
Movimento das Fábricas Ocupadas do Brasil
Esquerda Marxista

VENEZUELA

Eleições na Venezuela: vitória do psuv, mas com um alerta!

Adaptação de texto da Corrente Marxista Revolucionária (seção venezuelana da CMI)

Os resultados das eleições regionais de 23 de novembro na Venezuela confirmam a vitória do PSUV (Partido Socialista Unido da Venezuela) em 80% das prefeituras do país e em 17 Estados. Entretanto, os Estados de Zulia e Nueva Esparta permanecem nas mãos da direita. Além da perda de dois lugares importantes: a prefeitura da capital Caracas e o estado de Miranda. Finalmente, Carabobo e Táchira, onde o resultado foi muito apertado até o final, foram os Estados que acabaram caindo nas mãos da oposição.

5,3 milhões de votos para o PSUV e 4 milhões para a oposição

No total de votos, a nível nacional, cerca de 5 milhões e 300 mil votos foram para a revolução, o que representa cerca de um milhão de votos recuperados em relação ao referendo constitucional de 2007. Os números apresentam um ligeiro declínio no número de Estados (apesar do aumento de votos), em comparação com as eleições de outubro de 2004, quando a oposição tinha apenas dois governadores e agora possui 5 governadores e o prefeito da capital Caracas. Estes resultados continuam a mostrar os sinais de alarme que os marxistas têm explicado desde a derrota no referendo constitucional no ano passado.

Vários líderes da oposição, como era de se esperar, têm utilizado a vitória na prefeitura de Caracas para aumentar a idéia de que nessa eleição houve uma vitória da oposição e que isso é uma mensagem para o Presidente Chávez de que é necessário construir a Venezuela "Juntos", "acabar com a polarização", etc. Até o momento, a resposta de Chávez foi lembrar o pas-

sado destes burgueses, e fazer a advertência de que, caso voltem a tentar desestabilizar o país, através das posições que ganharam, não hesitará em agir. Chávez também exigiu que eles reconhecessem que o vencedor da eleição, a nível geral, é o PSUV e destacou que os milhões de votos a mais que recebeu o Partido Socialista, em relação à oposição, foi uma mensagem de que "temos que continuar no caminho do Socialismo bolivariano".

A abstenção deu a vitória à direita em Estados importantes

O principal fator que impediu que, nesta eleição, pudessemos voltar a derrotar de forma esmagadora a oposição, pela mesma margem de votos que alcançamos em 2006 nas eleições presidenciais, foi a abstenção de uma parcela da população nos bairros em que está concentrada a base chavista.

A média nacional de abstenção é claramente superada em bairros tradicionalmente chavistas, enquanto em áreas tradicionais da oposição, a abstenção é muito mais baixa. Que a base social da contra-revolução foi mobilizada em massa é evidente, mas a pergunta é: por que razão, algumas das bases sociais da revolução não se mobilizaram, como fizeram em outras ocasiões?

A derrota no referendo



Votação massiva

constitucional deu todos os sinais de aviso: setores da base revolucionária estavam caindo em apatia e descontentamento diante do resultado de que, após 10 anos da revolução, os principais problemas de habitação, emprego, precariedade, aumentos de preços, e assim por diante, continuem por se resolver. Se esta situação não for corrigida, a tendência é que setores da base da revolução caiam no desânimo e continuem não indo votar. Os problemas fundamentais dos trabalhadores não podem ser resolvidos com base no sistema capitalista e no estado burguês. A única saída é estatizar a grande fonte de riqueza: os bancos e as grandes empresas, colocando-os sob controle operário.

Nem rir, nem chorar. Compreender e agir...

Uma coisa é importante notar: apesar de todos os problemas que não foram resolvidos pela revolução, apesar das esperanças frustradas por muitos prefeitos e governadores durante os últimos 4 anos, a consciência revolucionária das massas se sobrepôs e estas voltaram a se mobilizar. Perdemos o referendo sobre a reforma por 300.000 votos e agora passamos nessas eleições a ter 1 milhão de votos a mais do que todos os partidos da oposição juntos.

Que o Presidente Chávez insista que esta eleição repre-

sentou uma importante vitória, parece-nos correto. No entanto, a insistência do Presidente e de outros dirigentes do PSUV em destacar apenas este aspecto, pode fazer com que entre ativistas e militantes do Partido se difunda um sentimento de impotência e desorientação. Sobretudo em Caracas, é necessário fazer uma avaliação para ajudar os ativistas a entenderem o que aconteceu, o porquê nós perdemos votos e, principalmente, como combater esta tendência. Essa é a única forma de rearmar moral e ideologicamente as bases.

O que as massas pedem não é que continue tudo no mesmo ritmo, mas sim que avance com mais rapidez, os resultados nessa eleição mostram os sinais que já estavam em dezembro do ano passado, apesar de votos terem sido recuperados, o perigo do ceticismo se propaga na base chavista.

Precisamos de uma profunda transformação da sociedade para resolver os problemas mais urgentes das massas e isso só pode ser conseguido com uma economia planificada e nacionalizada democraticamente. Na base de uma economia mista, de tentar conciliar capitalismo e socialismo sem destruir o aparelho do Estado herdado da IV República, e sem expropriar a burguesia, a oposição vai ganhar espaço. Ainda mais, com a crise na economia mundial capitalista que afeta a Venezuela. Abre-se uma nova etapa da revolução: a polarização se acentua entre a esquerda e a direita, a conquista de importantes governos será usada pela oposição para sabotar a revolução e tentar tombá-la. Este equilíbrio só pode ser quebrado de forma positiva pela entrada em cena da classe trabalhadora, de uma forma organizada, mostrando o caminho do verdadeiro socialismo.

PARAGUAI - CAMPONESES

Paraguai: trabalhadores se mobilizam pela reforma agrária

Quando assumiu a presidência do Paraguai, o ex-bispo Fernando Lugo declarou que considerava importante uma reforma agrária integral, que elimine a concentração da terra em poucas mãos. Agora, prestes a completar três meses no cargo, os movimentos de camponeses sem-terra cobram do presidente ações efetivas para combater o latifúndio.

O Paraguai vive uma onda de tensão fundiária. Organizações camponesas ocupam centenas de fazendas, especialmente as de proprietários "brasiguaios", como são conhecidos os brasileiros grandes produtores de soja. Os trabalhadores rurais os acusam de comprar ou receber concessões de terras ilegalmente, de desmatarem florestas e de poluírem o meio ambiente.

A concentração de terra existente no país revela a urgência de uma reforma agrária integral. O país tem uma população de mais de 5 milhões de habitantes, 58% vivem em zonas urbanas e 42% em zonas rurais. É o país na América Latina com maior proporção de população camponesa. Segundo o último censo agropecuário, 1% dos proprietários concentram 77 % das terras, enquanto 40% dos pequenos agricultores, são donos do 1% das terras agrícolas.

Com o crescimento de conflitos no campo dos últimos anos, muitas famílias foram expulsas e, no desespero de manter seus trabalhos, começaram a ocupar terras não exploradas e realizar manifestações para chamar a atenção do Estado. Famílias se organizam para ocupar pacificamente terras



Trabalhadores se mobilizam por seus direitos

que não cumprem sua função econômica e social. Elas reclamam ações que sejam benéficas a todos e não só a um grupo. Como resposta vem a repressão. Em 2004, 1.156 pessoas foram presas por ocupação de terras ou participação de protestos. Nos primeiros 100 dias de governo Lugo, 132 camponeses foram presos em San Pedro, principal foco das manifestações.

Para amenizar as tensões

no campo, o presidente Fernando Lugo criou a Comissão Executiva para a Reforma Agrária (Cepra) e anunciou a compra de 22 mil hectares de terrenos para 1.800 famílias de San Pedro, onde os sem-terra permanecem mobilizados. Porém, Lugo também anunciou que os órgãos de segurança protegerão a próxima colheita de soja perante o aumento das ameaças de ocupações por parte de grupos sem-terra. "A lei será apli-

cada a todos, sejam grandes ou pequenos proprietários", declarou. O presidente anunciou ainda que aumentará o contingente de policiais para "proteger as estâncias" de San Pedro.

De um lado os camponeses organizados reivindicam reforma agrária. De outro, latifundiários exigem a militarização das áreas em conflito para proteger suas propriedades. Somente a organização independente dos trabalhadores, sindicatos, movimentos populares e organizações políticas de esquerda serão capazes de exigir do governo Lugo o cumprimento das promessas eleitorais e reivindicações da classe trabalhadora. Isso só será possível se Lugo romper com os interesses dos "sojeros", dos empresários e dos partidos que defendem os interesses da classe capitalista do Paraguai.

PARAGUAI - OPERÁRIOS

Avanço da classe trabalhadora paraguaiaDELEGAÇÃO DA ESQUERDA MARXISTA AO PARAGUAI

Durante os dias 24 a 28 de novembro, uma delegação da Esquerda Marxista esteve no Paraguai dando continuidade ao trabalho do Núcleo de Trabalhadores Socialistas (NTS), com os operários das Cerâmicas Itaguá e Cerro Guy, e dirigentes sindicais da Central Única de Trabalhadores Autêntica (CUT-A), assim como para participar da mesa de debates do Seminário Internacional sobre a luta dos trabalhadores, organizado pelo Germinal, um grupo de estudos sindicais ligado ao P-MAS (Partido Movimento ao Socialismo).

Esse seminário tratou de analisar a crise internacional e seus reflexos para a classe trabalhadora, com especial atenção para a conjuntura paraguaia. O evento contou com a participação de líderes sindicais e estudantes, além de representantes internacionais, apontando para

o avanço da organização da luta dos operários.

Pedro Santinho abordou o histórico da luta do Movimento das Fábricas Ocupadas, explicando a intervenção federal sofrida em Joinville e a luta pela estatização sob o controle operário, bem como narrou os desafios existentes atualmente na Flaskô. Na mesma mesa, César Gonzáles, da Cerâmica Itaguá, narrou a história da gestão operária que lá se desenvolve, expondo seus avanços.

Já Alexandre Mandl, participou da mesa sobre o "Mercosul e a classe trabalhadora", onde explicou o caráter de classe existente nesse modelo de órgão empresarial/diplomático e suas armadilhas para os trabalhadores, apontando as contradições existentes no sistema jurídico internacional e as tarefas necessárias para avançar na organização pelo socialismo frente à crise do capitalismo.

Por outro lado, Carlos

Rodrigues participou do curso de formação organizado pela CUT-A e pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, onde teve a oportunidade de explicar a situação do movimento das fábricas ocupadas e da luta sindical diante da crise do capitalismo, bem como participou do lançamento do documentário realizado pelos trabalhadores da Cerâmica Itaguá, em comemoração aos seus nove anos de controle operário.

Ressalta-se, ainda, que no próximo dia 07/12, haverá a celebração dessa conquista, e estaremos novamente presente, sendo que uma delegação paraguaia virá ao Brasil depois, para participar do encontro na Flaskô no dia 13/12, assim como para realizar debates sobre a situação do Paraguai.

Não obstante tudo isso, fizemos uma reunião com Bernardo Rojas (presidente da CUT-A), Ignacio Gonzáles e Aldo Vera, ambos do P-MAS,

que nos explicaram mais de perto a situação da classe trabalhadora no Paraguai após as eleições de Lugo, e assumiram compromissos de solidariedade com a Esquerda Marxista e o Movimento das Fábricas Ocupadas.

Participamos também de uma manifestação dos funcionários públicos que reivindicam direitos trabalhistas e a votação da proposta para o orçamento de 2009. Essa manifestação sofreu grande repressão policial, o que demonstra as contradições de um governo de coalizão, que já vem mostrando suas garras no conflito do campo entre sem-terras e latifundiários (em grande parte "brasiguaios"), além da perseguição de suas lideranças. Camilo Soares, Ministro da Emergência Nacional, e dirigente do P-MAS, representante da ala radical do governo, recebeu nesta semana um pedido de interpelação do Congresso (composto somente pela direita), para explicar suas

ações, consideradas por eles como "socialistas e ultrapassadas".

Assim, podemos ver que a luta no Paraguai está apenas iniciando e que somente a organização da classe trabalhadora poderá fazer com esse processo de mudança rumo à construção do socialismo. Por isso, ainda se faz necessário avançar no fortalecimento da central sindical e do partido operário. Nossa tarefa é acompanhar de perto o que lá vem ocorrendo, com especial atenção às políticas imperialistas do Brasil, como nos assuntos de Itaipu, Soja, Petrobrás, etc. Lugo, junto aos partidos conservadores, não atenderá ao pleito da classe trabalhadora, que, por sua vez, avança e clama, como Camilo Soares: "Contra a crise e a miséria do Paraguai, não temos que refundar o capitalismo, como muitos dizem, mas sim construir o socialismo. Que os capitalistas paguem a conta!".

A CRISE SE APROFUNDA

A farsa do G-20

Chefes de Estado dos 19 países mais industrializados e da União Européia se encontraram em Washington no último dia 15 de novembro. O objetivo dessa reunião do G-20 era o combate à crise econômica mundial. O resultado foi a aprovação de algumas vagas diretrizes. A única certeza é a de que esses líderes mundiais encenaram mais uma farsa, sobre o drama real que a crise anuncia para a classe trabalhadora.

Sob a luz dos holofotes da grande mídia, as lideranças do G-20 saíram do evento acenando cada qual para o seu próprio público. O governo Lula comemorou a ascensão política dos países 'emergentes'. A administração Bush saudou o fato de todos assumirem compro-



Reunião do g20

missos com a manutenção das regras do livre mercado. Representantes europeus ressaltaram as propostas de maior regulamentação do mercado. Se cada um disse o que quis, é porque não houve acordo algum nesse G-20. E nem poderia.

O fato é que todas as diretrizes acordadas já fazem parte das receitas desses governos para debelar a crise: socorro das instituições financeiras, redução das taxas de juros para impulsionar a economia e alguma transparência nas negociações

financeiras.

Reuniões como a do G-20 procuram passar a idéia de que é possível construir uma governança mundial 'democrática' no capitalismo. Mas a enorme influência que tem o mercado americano dá aos EUA condições de tomar medidas unilaterais à revelia do mundo. Além disso, a tendência na crise é a de que os países procurem cada qual salvar o seu quinhão, acirrando as disputas inter-imperialistas. Recentemente, a Alemanha declarou garantir os depósitos bancários em seu país, ameaçando sacar as poupanças feitas em outros países para levá-las aos bancos alemães. E nenhum dos heróis do G-20 propôs o cancelamento da dívida externa dos países pobres.

A incapacidade dos organismos internacionais de resolver crises é histórica. Criado após a Crise Asiática, o G-20 não teve papel relevante na recessão mundial de 2001, que atingiu a Argentina com especial violência. Em 2004, o grupo se comprometeu com a eliminação de restrições no movimento de capital internacional, o que tornou ainda mais aguda a atual crise econômica. Na verdade, o G-20 foi criado para assegurar a anarquia capitalista, e não para resolvê-la. A classe trabalhadora brasileira não pode cair no conto de que países ricos devem conceder mais espaço para os países emergentes ajudarem no socorro ao capitalismo. É preciso por fim ao capitalismo para salvar a humanidade.

FRANÇA

Marxistas franceses avançam no interior do PCF

Adaptação do texto de Greg Oaxley da seção francesa da CMI, publicado em www.marxismo.org.br

As idéias do marxismo deram um grande passo adiante no Partido Comunista Francês. Na semana passada a militância do partido decidiu, em votação na qual três documentos se converteriam na "tese guia" do próximo congresso do partido, (o 34º).

Neste ano a ala marxista do partido, cujas idéias estão expressas no jornal revolucionário La Riposte e na web no site www.lariposte.com, conseguiu o número suficiente de assinaturas para submeter uma proposta de tese à votação dos filiados. Pela primeira vez havia uma declaração clara das idéias marxistas, contrastando com a política insípida e conciliadora dos reformistas que dirigem o partido atualmente. Com idéias marxistas não corrompidas pela falsa caricatura das idéias comunistas que representavam as falsificações stalinistas do passado, a tese "Reforçar o PCF, renová-

lo com o Marxismo" conseguiu 15% dos votos!

Outro texto da oposição era também muito crítico com a direção do partido, ainda que de um ponto de vista reformista de "esquerda" e nacionalista. Este documento conseguiu 25%, o que supõe que entre os documentos opositores se conseguiu 40% dos votos. Ambos textos, apesar de haver importantes diferenças entre eles, foram considerados pelos militantes do partido como uma maneira de recusar a proposta da atual direção.

Um exame dos resultados da votação nos distintos agrupamentos do partido indicam um profundo giro à esquerda do pensamento da militância desde o último congresso. A tese apresentada pela direção nacional perdeu em 92 departamentos (de um total de 99). Em termos de porcentagem, a oposição aumentou sua proporção de vo-

tos em 87% dos departamentos.

Os votos conseguidos pelo texto apresentado pelos marxistas são muito importantes. Terá um impacto transcendental nos acontecimentos políticos do partido durante o próximo período. Este era um documento da "base". Entre os militantes do partido que assinaram o texto não havia nem um só parlamentar, senador, prefeito e nem sequer nenhum dos 254 membros do Conselho Nacional do PCF.

Sendo assim, 15% é uma conquista importante e só pode haver uma explicação séria: o impacto das idéias que se sus-

tentaram no texto. A tese explica que a política reacionária de Sarkozy e os anteriores governos da direita não caem do céu, senão que são a expressão de um sistema em crise, um sistema que é totalmente incompatível com as reformas sociais ou conquistas materiais alcançadas pelas lutas dos trabalhadores no passado. Explica que depois das tremendas lutas protagonizadas pelos jovens e trabalhadores franceses nos últimos anos, com uma onda de greves e mobilizações de massas, o PCF deveria ter saído reforçado, sobretudo devido à bancarrota da direção

do PSF, que foi a principal razão da vitória de Sarkozy em 2007. Ainda assim, o PCF em vez de avançar, decresceu em número de militantes, apoio eleitoral e em todos os aspectos de sua atividade.

A explicação deste declínio é o distanciamento das idéias e política comunistas por parte da direção, até o ponto de ter apoiado, quando estava no governo de Jospin (1997-2002), o maior programa de privatizações de qualquer outro governo em toda a história do país.

No contexto da atual crise mundial do capitalismo um número crescente de comunistas na França compreenderam que a diluição reformista e "antiliberal" do programa do partido não é uma alternativa séria ao capitalismo. A partir de agora, no PCF existe uma ala marxista na França, legítima e conhecida. Com 15% dos votos, as idéias do La Riposte já não podem ser ignoradas e, sem dúvida, avançarão nos próximos meses e anos.



Manifestação do pcf

— QUEBRA NO COMÉRCIO —

A guerra comercial que se aproxima

No final do Século XIX e início do Século XX, as diferentes potências europeias tinham entre si vários acordos, muitos deles conflitantes, assim como acordos com países dominados dentro da própria Europa. Estes acordos de defesa, verdadeiros pactos militares, criavam uma verdadeira rede de intriga entre os diferentes países e levavam a conflitos pontuais que “por milagre”, não levavam à explosão de uma guerra que envolvesse todos os interessados. Esta guerra, tantas vezes anunciada, tantas vezes adiada, seja porque se construía uma ferrovia “em um país estratégico”, seja porque se invadia uma colônia na África ou na Ásia de interesse de outra potência, acabou acontecendo a partir de 1914.



De 1914 à 2008

O motivo “aparente” foi o assassinato de um herdeiro de uma das casas reais de Europa. A motivação era “uma guerra para acabar com todas as guerras”. A verdade é que quando a burguesia teve certeza de que a II Internacional não jogaria todas as suas forças e não engajaria o proletariado contra a guerra, ela teve certeza de que podia ir à guerra e o fez.

Hoje as condições são dife-

rentes. Mas em um ponto a história parece se repetir. Ao invés dos intrincados acordos militares costurados em segredo pelas diversas potências, proliferaram os acordos comerciais entre os diferentes países, com diferentes fóruns para resolver as pendências. Esta verdadeira rede intrincada de levar os negócios é toda questionada agora com a crise.

Um artigo de um econo-

mista dos EUA declara perplexo: “antes exportávamos nossos empregos, agora exportamos desemprego”. Sim, os acordos do Nafta e o “crescimento” da China estavam baseados justamente na destruição de empregos e direitos da classe operária dos EUA. Um exemplo impressionante é que os EUA são um dos maiores exportadores de madeira (não industrializada) do mundo. Essa madeira é exportada para a China. E os EUA são o maior importador de móveis da China. As empresas americanas “deslocaram” a produção para a China para “aproveitar” o baixo preço da mão de obra.

A questão é que todos estes acordos – Nafta, zona do Euro, Asian, Mercosul, sofrem o impacto da crise e são abalados por ela. Já durante as nego-

ciações globais, o bloco dos países não industrializados do qual o Brasil se auto-intitulou “líder” não conseguem chegar a posições comuns.

Por quê? Porque na hora da crise é o “salve-se quem puder”, “tem farinha pouca, meu pirão primeiro”. Entre os países imperialistas, então, a guerra está instalada. França e Alemanha não conseguem entender-se sobre o que fazer e a União Européia – e junto dela o Euro – ameaçam soçobrar quando as ondas da crise aumentam. Em um mesmo país, Bush assina um acordo que fala em manter as fronteiras abertas e Obama fala em fechá-las.

O mercado mundial marcha para uma crise sem precedentes (após a crise de 29 o comércio mundial chegou a cair para 50% do que era antes) e

— DÍVIDA EXTERNA —

Povo do Equador não deve pagar por prejuízo causado pela empresa Odebrecht

A construtora brasileira Odebrecht teve os bens embargados e os contratos rompidos pelo governo de Rafael Correa do Equador porque não cumpriu com suas obrigações, principalmente por deixar paralisada durante quatro meses a Usina Hidrelétrica San Francisco (que tem capacidade para fornecer 12% da energia elétrica do Equador), o que gerou um prejuízo de cerca de U\$ 43 milhões ao país. A Furnas, que atuava em conjunto com a Odebrecht, também foi expulsa pelo mesmo decreto.

Como o governo Lula reagiu? Primeiro cancelou o encontro entre os ministros dos Transportes dos dois países, que discutiria a construção de uma estrada ligando Manta a Manaus.

Em seguida, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, exigiu que o Equador pagasse uma dívida com o BNDES de US\$ 243 milhões em empréstimos cedidos para a construção da Usina San Francisco. No entanto,

Rafael Correa propôs a realização de uma auditoria porque o dinheiro emprestado foi direto à Odebrecht, mas consta como dívida externa do Equador.

O ministro equatoriano de Setores Estratégicos, Galo Borja ainda explicou: “Não estamos atuando contra o Brasil, nem contra o governo e os irmãos brasileiros, queremos união”.

Petrobrás

O governo de Rafael Correa propôs às empresas petrolíferas a revisão dos contratos de exploração que, após um período de transição, passaria a ser um contrato de prestação de serviços.

Como o governo Lula reagiu? Bem, a Petrobrás foi a única companhia que não respondeu à proposta do governo equatoriano. Além disso, misturou a estatal brasileira no rolo da Odebrecht, aumentando a crise diplomática. Lula chegou a cogitar a saída da estatal do Equador: “Se não houver acordo, a Petrobras vai buscar outro caminho e outros parceiros”.

Como pode um presidente brasileiro, do PT, sair na defesa dos interesses privados da construtora Odebrecht, ao invés de apoiar o governo e o povo equatoriano, verdadeiros lesados nessa história?

Como pode endurecer as negociações e usar a Petrobrás contra os interesses e o direito do Equador de dispor das riquezas de seu subsolo?

Nova Constituição e o processo revolucionário

O pior é que toda essa história aconteceu no mesmo momento em que ia à referendo popular a proposta de nova Constituição do Equador, jogando água no moinho da direita que, assim como na Venezuela e Bolívia, fez uma campanha raivosa contra “o comunismo” de Rafael Correa.

Mas, a nova Carta Magna foi aprovada por 64% dos votos e estabelece, entre outros pontos, o controle do Estado sobre setores estratégicos da economia (energia, telecomunicações, petróleo) e a proibição do latifúndio e das

privatizações dos recursos naturais, incluindo a água. Também proíbe a estatização das dívidas privadas, prática comum na América Latina, e se nega ao capital bancário a participação em meios de comunicação.

No terreno da legislação trabalhista, elimina-se o trabalho temporário, garante-se salário igual a igual trabalho e inclui os desempregos no sistema previdenciário.

Além disso, proíbe a instalação de bases militares estrangeiras, eliminando a presença do

exército dos EUA no país.

O referendo demonstra que o povo equatoriano anseia mudanças profundas no seu modo de vida e, ao trilhar cada vez mais esse rumo revolucionário, as idéias socialistas ganharão força, assim como ocorre na Venezuela.

Porém, tanto na Venezuela, quanto no Equador e na América Latina, se o processo de transformação estacionar no meio do caminho, a direita reacionária buscará se recompor para derrotar a classe trabalhadora, suas organizações e conquistas.



Efeitos da dívida externa

DE NOVO AS COTAS

20 de novembro de 2008 e a legalização das raças humanas

20 de novembro é o dia Nacional da Consciência Negra, comemorado com feriado este ano em centenas de cidades de 11 estados de todo o país. Neste mesmo dia foi aprovado o projeto de Lei 73/99 que reserva 50% das vagas nas instituições de ensino federal para alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas, com sub cotas de 50% para negros, pardos e indígenas de acordo com a população de cada estado.

Numa manobra regimental foi aprovada pela primeira vez na história da república brasileira uma lei que institucionaliza raças. A aprovação com emendas feitas literalmente "nas coxas" e por votação simbólica do colégio de líderes, ou seja, os deputados não votam nominalmente. Com elogios do Dep. Paulo Renato de Souza PSDB-SP e do Presidente da Câmara Arlindo

Chinaglia PT-SP o projeto agora vai ao Senado e não havendo modificações ele vai à sanção do Presidente Lula.

O MNS e a Esquerda Marxista, têm combatido as leis racialistas (leis que determinam direitos diferentes para as pessoas tendo como base raças humanas) em especial as cotas raciais e o denominado estatuto da igualdade racial. A luta contra o racismo é uma luta contra a opressão e a exploração que são filhos da sociedade dividida em classes onde uma ínfima maioria tem tudo e a imensa maioria nada tem.

Essas leis não irão combater o racismo, não irão aumentar os investimentos na educação para ampliar o número de vagas. Ao contrário, vão criar um linha divisória entre os filhos de trabalhadores que querem ter acesso à universidade, com critérios diferentes para operários que tenham a

mesma renda e origem social. Além disso, os filhos dos pequenos burgueses negros serão beneficiados em detrimento dos operários (brancos e negros), já estes estarão nas cotas e estarão mais bem preparados.

A aplicação desta lei aprofundará o racismo que já existe, criando uma oposição entre o trabalhador "negro" e "branco".

Exatamente por isto, ela é uma política impulsionada por bilionárias fundações ligadas ao imperialismo como a Fundação Ford, pela ONU, Banco Mundial etc.

Os negros e os mais pobres serão os primeiros a sofrer às conseqüências. Os que combatem pela igualdade, que só pode ser possível acabando com o capitalismo, não têm nada para comemorar neste 20 de novembro de 2008.

A luta contra a opressão e a exploração, a luta con-

tra a violência policial que atinge o povo pobre, em especial os negros pobres, o legado de resistência de

Zumbi, exigem a união e precisam passar por cima da divisão imposta pela burguesia e pelo imperialismo.



AFRICA

Entrevista com um sindicalista do Quênia (África)

Líder do Sindicato da Construção Civil em seu país (Quênia), Joe Macharia, que vive e estuda atualmente no Brasil, concedeu-nos a entrevista que se segue:

JLC: Joe, o que você tem a nos dizer sobre a relação do imperialismo com a África?

Joe: Parto do meu país, o Quênia, mas a história recente do Quênia é similar ao de todo o continente, em especial à África negra. Infelizmente, o que constatamos é que os mesmos grupos que faziam o jogo do colonialismo europeu (no nosso caso, a Inglaterra) continuam no poder. Ou seja, mesmo depois do processo de descolonização e de independência naci-

onal, a política e a economia são controladas por setores nacionais que mantêm a dependência e a dominação desses países, frente ao imperialismo. Muitas vezes, os governantes de hoje são descendentes familiares dos representantes do antigo colonialismo. Ou seja, há uma continuidade.

JLC: Como tem sido a luta dos trabalhadores quenianos diante da situação social e econômica que você descreveu?

Joe: Nossa atuação consiste essencialmente no reforço de um movimento sindical, independente dos governos e dos patrões. Em nosso país, os sindicalistas joga-

ram um papel decisivo na luta pela independência do Quênia (1963). A partir de então, o governo de Jomo Kenyatta (presidente do Quênia, na época) buscou uma política de divisão do movimento sindical, e de atrelamento ao Estado e ao seu partido. Entretanto, nos últimos anos, em especial a partir de 2002, tem havido o retorno de um movimento combativo. Conseguimos pressionar o parlamento para algumas conquistas importantes. Se de um lado o nosso governo prossegue representando os interesses das classes dominantes, ele não mais interfere diretamente nas questões sindicais. Pois,

justamente, uma de nossas maiores conquistas foi o reconhecimento dos sindicatos de forma independente do Estado. Uma consequência prática disso foi a enorme melhora na luta contra os acidentes de trabalho nas indústrias. Antes, os trabalhadores não podiam, pela lei, recorrer aos sindicatos em casos de problemas de saúde e acidentes. Eles acabavam tendo que recorrer a advogados particulares que, muitas vezes, praticavam diversas formas de corrupção. Agora, os trabalhadores têm assegurado o direito de contar com seus sindicatos para pressionar os patrões a garantirem indenizações.

JLC: Você participou do último encontro nacional do MNS em São Paulo, no mês de maio. Fale um pouco sobre a luta contra o racismo.

Joe: A luta contra o racismo é antiga e certamente não é fácil. O racismo e as diversas formas de discriminação estão presentes não apenas no Brasil, nos EUA, na Europa, mas também na África (na África do Sul, por exemplo, tem havido sérios problemas de imigrantes de outros países africanos ao redor).

Ao mesmo tempo, é uma luta fundamental e que deve ser continuada. O MNS, no Brasil, tem muito trabalho pela frente!

EUA

Liberdade para Mumia Abu Jamal!

Mais uma vez, de maneira cínica, o Supremo Tribunal Federal de Recursos dos EUA negou o apelo de Múmia para que se ouvissem duas novas testemunhas do caso e um novo julgamento. Este recurso já tinha sido rejeitado a nível local e estadual. Esse militante dos Panteras Negras segue há quase 27 anos no corredor da morte, por uma sentença que evidencia racismo e perseguição política. A Corte tenciona para marcar uma nova data para a sua execução.

A história da prisão e julgamento de Mumia Abu Jamal constitui um capítulo dramático da luta contra o racismo institucionalizado nos Estados Unidos.



Apesar de várias provas terem sido levantadas nestes anos todos, inclusive uma confissão do pretenso autor do crime, a justiça burguesa racista dos EUA continua a negar seus direitos de apelação e justo julgamento.

Militante negro anti-racismo, foi preso em 9 de Dezembro de 1981, sob a falsa acusação de ter assassinado um

oficial de polícia. Seguiu-se então uma incessante batalha judicial e sua execução foi várias vezes marcada, mas depois suspensa, devido aos protestos de milhares de manifestantes nos EUA e em todo o mundo. Jamal é, de fato, um prisioneiro político dos EUA.

Isso ficou evidente quando o FBI entregou em seu julgamento um dossiê contendo mais de 600 páginas contando sua história de militância no movimento negro. Foi preso pela primeira vez aos 14 anos, durante o protesto contra o racista George Wallace, então em campanha presidencial. Aos 15 anos, participou do movimento para rebatizar sua escola com o nome Mal-

colm X e ajudou a criar o comitê do Partido dos Panteras Negras na Filadélfia, onde foi membro da redação do jornal do movimento.

Nos anos 70, passou a fazer parte de uma lista do FBI de pessoas que "ameaçam a segurança dos Estados Unidos", tornou-se locutor de rádios locais e de uma rede nacional de emissoras que denunciava a violência policial - em particular, as de natureza racista - e os dramas diários da população pobre do seu país.

Somos chamados a continuar a luta em solidariedade a Múmia e a todos os presos políticos. O seu exemplo de luta anti-racismo e igualdade para o

povo pobre dos EUA, com certeza, é de grande valor para nossos combates diários.

Nesse sistema capitalista, a justiça está a favor de uma classe - a burguesia - que detém o poder do Estado, com seus tribunais e polícia. Portanto só a unidade da classe trabalhadora dos EUA e do mundo poderá salvar Mumia da morte e mostrar que nossas vozes não vão se calar, até construirmos um mundo sem racismo e exploração.

No dia 06 de Dezembro está sendo chamado um ato internacional de solidariedade a Múmia. Todos que lutam contra o racismo e o capitalismo, devem se somar a esta iniciativa!

AFRICA

Steve Biko, o Movimento Consciência Negra e a luta contra o Apartheid

A 31 anos do assassinato de Steve Bantu Biko pelo regime do Apartheid, o exemplo da luta dos negros da Azânia (África do Sul) continua vivo. Biko começou sua militância no movimento estudantil, fundou a Organização dos Estudantes Sul-Africanos e, mais tarde, também foi fundador do mais importante movimento daquele país, o Movimento Consciência Negra.

Participou de várias lutas

juntamente com outros trabalhadores por creches e clínicas médicas. Foi perseguido e preso diversas vezes pela polícia e foi banido pelo governo, não podendo sair de sua cidade, nem mesmo publicar textos ou participar dos programas sociais.

A luta pela igualdade e contra o regime de segregação racial teve seu ápice em 1976, com o levante negro contra o sistema discriminatório nas escolas. O

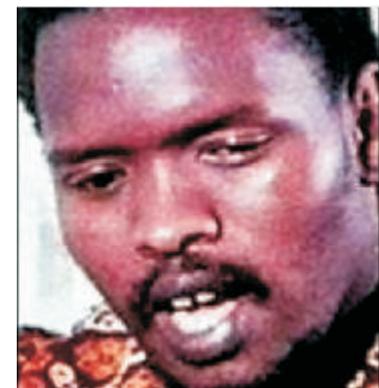
movimento iniciado no bairro Soweto contou com a presença da juventude estudantil, influenciada por Biko. A repressão deixou centenas de negros mortos, mas a luta fortaleceu ainda mais a oposição ao regime do Apartheid.

O Movimento Consciência Negra destacava a necessidade dos negros de se livrarem da opressão, porém, nunca vislumbrou um país só de negros. "Nenhuma raça possui o monopólio

da beleza, inteligência ou força, e eu desejo que haja espaço para todos nós na África do Sul", escreveu Biko naquela época.

Em 1977, ele foi preso e assassinado covardemente pela polícia. Milhares acompanharam seu enterro. O Apartheid tinha levado mais uma vida, mas Biko deixou um legado que marcou o fim do regime de segregação racial na África do Sul e a luta anti-racismo pelo mundo. Afinal, sua

afirmação de que "racismo e capitalismo são duas faces da mesma moeda" é totalmente atual.



LUTANDO CONTRA OS AUMENTOS

Congelar as mensalidades! Universalizar o acesso ao ensino público!

Os empresários da educação estão nadando em dinheiro. Lucram com a falta de vagas no ensino público, e ainda recebem a ajuda generosa do governo federal com o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), que é usado para garantir que o estudante pague para estudar e do PROUNI que isenta os impostos dos capitalistas da educação, e ainda destina milhões para o bolso deles, enquanto que as públicas ficam a ver navios e bastante sucateadas.

Para se ter como base de acordo com o MEC; entre os anos de 1994 a 2006 o número

de universidades particulares saltou de 659 para 2.022 e de universidades públicas, pasmem, de 192 para 248. Como se pode afirmar houve um escandaloso aumento de Universidades particulares em um curto período. E isso sem ter nessa estatística o grande aumento irresponsável de vagas no ensino a distância por parte das universidades privadas.

Sem o PROUNI e o FIES os donos das faculdades privadas teriam salas vazias e impostos para pagar.

E mesmo com toda ajuda do governo, as mensalidades têm subido constantemente. A

Federação Nacional das Escolas Particulares acaba de anunciar novos aumentos nas mensalidades escolares para 2009, que pode chegar a 13%, variando de instituição para instituição, a média deve ficar em 10%.

Os inadimplentes, em número cada vez maior, são perseguidos com o amparo da Lei de Mensalidades de FHC (1999), que o governo Lula já poderia ter revogado.

E é nesse cenário que as instituições privadas de ensino acabam de criar o Cadastro de Informações da Educação Brasileira (CINEB). Uma lista nacional que expõe publicamente os

alunos inadimplentes, com o objetivo de perseguí-los e impedir que esses alunos se matriculem em outros estabelecimentos de ensino pago.

É uma perseguição ao estudante, que inclusive é barrado ao entrar na escola e impedido de estudar se não mantiver em dias suas mensalidades.

Frente a esta situação, é preciso combater contra o Prouni, é preciso combater para congelar as mensalidades, é preciso combater pela estatização de toda universidade que receba verbas governamentais (que são povo e portanto a universidade tem que ser pública e não dar

lucros para os tubarões do ensino).

A UNE, ao invés disso, faz a propaganda do Prouni em sua página e propõe um PL que "condiciona o reajuste das mensalidades à discussão com pais e alunos e impede a expulsão sumária de inadimplentes". Ou seja, ao invés de congelar, "negociar" escola por escola o reajuste. Ao invés da expulsão "sumária", a expulsão a contagotas. A Tese da JR propõe mudar isso no CONEB que se aproxima disso. A UNE tem que existir para defender os estudantes e não para defender o governo e os tubarões do ensino.

“LIÇÕES DO PASSADO”

A Ultra-esquerda e as Tarefas Revolucionárias

Nunca é demais lembrar-nos ao tema do ultra-esquerdismo, até mesmo porque, apesar dos acontecimentos históricos e de tudo aquilo que escreveram Marx, Engels, Lênin e Trotsky, muitos companheiros de outras organizações parecem não entender ou não conseguem absorver tudo aquilo que foi escrito; e acabam por confundir a juventude revolucionária e os trabalhadores mais avançados. Naturalmente que não se trata de um problema “intelectual”, de maior ou menor informação teórica, apenas. Há um fundo de classe subjacente – afinal, a maioria dos ultra-esquerdistas é de extração pequeno-burguesa e não rompeu totalmente suas ligações com sua classe de origem, o que os impede de adotar integralmente a perspectiva do proletariado. Uma idéia pode ser teoricamente equivocada e mesmo assim ser mantida devido às forças de classe que estão por trás dela e que a sustentam. Mas a questão teórica tem grande importância à hora de se combater as teses ultra-esquerdistas.

É dever de todo militante sério evitar que os elementos mais avançados da classe trabalhadora se separem dos mais

atrasados. A classe trabalhadora como qualquer exército deve atuar em conjunto, e mesmo a vanguarda mais bem preparada e audaz, se isolada, será facilmente esmagada e levará a classe à derrota. A união e organização da classe trabalhadora é sua maior arma contra seu inimigo de classe. Toda empreitada aventureira que divida a classe é um crime contra a emancipação do proletariado e a libertação da humanidade.

No Brasil, assim como em diversos países, seitas ultra-esquerdistas surgem como cogumelos depois de um temporal, como se partidos revolucionários “pudessem ser criados nas nuvens e para tanto bastaria somente proclamá-los” (Ted Grant). Ao menor sinal de dificuldades na defesa de suas idéias nas organizações de massas dos trabalhadores voltam às costas para estas. É mais fácil ser unanimidade em seu próprio partido do que trabalhar sendo minoria nas grandes organizações de massas.

Pensemos no caso do Partido dos Trabalhadores. O PT foi forjado na luta pela própria classe trabalhadora, ainda em plena ditadura militar; ele é obra da própria classe trabalhadora. É a sua referência política. Hoje a direção do PT igno-

ra seu programa de fundação, aliou-se a burguesia e é a melhor ferramenta, neste momento, da classe dominante para conter o Tsunami de insatisfação que se acumula na base da sociedade. Mas a base do PT é uma base operária, a maioria dos operários organizados do Brasil e todo aquele que se reclama revolucionário tem de ir a esta base operária, para ajudá-la a superar a direção do PT.

Diversos grupos no Brasil romperam com o PT e não conseguiram sucesso em suas empreitadas por construir o partido “revolucionário”. Um dos primeiros a deixar o PT foi o PSTU que rompeu com este justamente no momento de maior refluxo do movimento operário, no momento da queda da União Soviética, quando toda a esquerda, com exceção dos marxistas, se desorientou e quando de fato a direção do PT mostrou-se aquém da tarefa histórica que lhe estava destinada, consolidando cada vez mais sua traição. Além dos companheiros do PSTU terem entregado sem uma luta ferrenha e consistente o PT à sua direção burocrática, partiram em outra aventura para romper a CUT. Concordamos que a direção da CUT está aquém de sua tarefa histórica, mas

romper com a CUT é violar a unidade da classe trabalhadora e entregá-la nas mãos da burocracia, afastando da CUT parte de seus membros mais avançados. Em certos casos, ataques mal preparados às direções reformistas podem até mesmo fazer com que trabalhadores saiam em defesa de seus líderes tradicionais, o que pode atrasar ainda mais o processo de desmoralização das direções reformistas, rompendo a unidade da classe e lançando trabalhadores contra trabalhadores.

Outra aventura, mais recente, levada adiante por deputados federais e por uma senadora expulsos do PT, foi a criação do P-SOL. Apesar de seu correto posicionamento ao não votar pela contra-reforma da previdência no final de 2003, perdeu-se uma grande oportunidade de agitar as bases do PT e acelerar o processo de desmoralização da sua direção; distanciaram-se das bases do Partido e partiram em sua aventura. Hoje o principal foco do P-SOL são as eleições, que constituem o eixo central de sua política, levando adiante alianças com partidos sem vínculos com a classe trabalhadora; na última campanha foram aceitos R\$100.000,00 da

Gerda para financiar a campanha eleitoral, a pergunta que fica é: se era pra fazer a mesma coisa que o PT vem fazendo, pra que sair do PT?

O que podemos aprender destas lições é que não existem atalhos para a construção de uma organização de massas efetivamente revolucionária. Usando a célebre frase de Ted Grant, “fora do movimento da classe trabalhadora não há nada”. Toda tentativa de construir um partido revolucionário sem a presença e participação das massas é mera pirotecnia, servirá apenas para confundir os elementos mais avançados, pois a grande maioria dos trabalhadores geralmente ignora os pequenos grupos. É por isso que a Esquerda Marxista luta no interior do PT dirigindo-se a todos os trabalhadores; dirigindo-se a direção do PT da mesma forma que os bolcheviques em 1917 – “rompam com a burguesia e terão o nosso apoio”. Desta forma desenvolvemos o combate interno em encontros e eleições internas do partido; e no movimento operário ajudando os trabalhadores a compreenderem que o maior obstáculo às suas reivindicações é a ligação das direções do movimento – PT e CUT – à burguesia.

REVOLUCIONÁRIOS DO MUNDO TODO UNÍ-VOS NA

FESTA VERMELHA

Encerramento 2008 da Esquerda Marxista de SP

www.marxismo.org.br

Entrada (arrecadação para o fundo de luta):
Antecipado: R\$ 5,00
Solidário: R\$ 10,00
Na porta: R\$ 7,00

Dia 19 de Dezembro (sexta-feira):
21h Abertura Solene
22h Show do “SomoBlack”
23h Sarau e Jam Sessions

Rua Major Quedinho, 112-A
(metrô Anhangabaú) ao lado do Bar do Estádio e Viaduto 9 de Julho

